

**DA LIVRARIA AOS ACERVOS DIGITAIS –
A consagração da literatura sul-rio-grandense do século XX**

*Cumprer que irradiemos para além das próprias fronteiras
as nossas idéias.*

Cumprer que nos demos a conhecer melhor.

*Cumprer fazermos circular, a par dos outros, lá fora,
os nossos legítimos valores espirituais.*

*Cumprer que saibamos o que se faz, o que se renova
longe de nós e em torno de nós.*

Mansueto Bernardi.

Poderíamos iniciar essas palavras com a fórmula de abertura utilizada pelos contadores de histórias: Era uma vez um homem que tinha um sonho: fundar uma livraria que fosse a melhor da cidade de Porto Alegre, sonho consubstanciado na divisa *Urbi et Orbi*, perpetuada na fachada do prédio da centenária Livraria do Globo, empresa que se destacou como um marco no cenário cultural do Rio Grande do Sul e do País. A história da Livraria do Globo, em mais de um século de existência, é assinalada pela prodigalidade na produção de bens culturais, além de suas funções específicas junto ao mercado livreiro. Essa é uma história de homens e ideias que transformaram os sonhos em realidade.

Pode-se atribuir o sucesso que sempre acompanhou os empreendimentos da Livraria do Globo à conjugação de circunstâncias históricas excepcionais. À maturidade de um estabelecimento de livreiros competentes e sensíveis aos anseios de desenvolvimento da comunidade, aliou-se uma geração privilegiada, cujo talento aprimorado na tradição jornalística e acadêmica foi canalizado para projetos quase utópicos, como dar projeção nacional a periódicos publicados no mais meridional dos estados brasileiros, o Rio Grande do Sul, ou transformar uma papelaria numa grande livraria e casa editora que influenciou decisivamente no desenvolvimento da educação, da literatura, da comunicação de massa, da publicidade, das artes gráficas, enfim da cultura do País.

No começo dessa história, que possui tonalidades míticas, emerge dos primórdios dos tempos coloniais um espaço e homens que o fundaram como um ideal de pátria, optando por mantê-lo inscrito no mapa do Brasil. Com as viagens exploradoras do litoral brasileiro, a frota de Martim Afonso de Souza viajava para o sul, demandando a embocadura do Rio da Prata e, ao passar pela barra que comunica o oceano com o que supunham ser um rio, denominou-o Rio Grande de São Pedro, nome do santo do dia, como era costume dos portugueses. Na realidade, tratava-se de uma lagoa, a Lagoa dos Patos.¹

A denominação do rio estendeu-se às terras do continente, as quais em 1737 eram chamadas Rio Grande de São Pedro e mais tarde, Continente de São Pedro. A denominação geográfica de “continente”, mais usada pelo povo, foi adotada como título por Erico Verissimo, para representar aqueles primeiros tempos, bárbaros e heróicos, do povoamento da região, em *O Continente*, 1ª parte de sua obra magistral, *O tempo e o vento*, publicada pela Editora Globo.

Quando Portugal expandia seus domínios e necessitava de guarda avançada para defesa de seus interesses contra a Espanha, que dominava o sul do continente, foram, então, enviados casais açorianos, entre 1740 e 1760, para povoar essa região. Posteriormente, em 1807, foi-lhe conferido o nome de Capitania-geral São Pedro do Rio Grande do Sul, mas a região tornou-se conhecida também por Capitania d’el Rei, porque administrada pela Coroa portuguesa. Capitania d’el Rei*, é título da obra de Moysés Vellinho, igualmente publicada pela Globo, em que trata de aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul, principalmente sobre Sepé Tiaraju, herói guarani da Guerra das Missões, o São Sepé.

O nome dessa região muda novamente, em 1821, para Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, sendo escolhido para denominar uma revista literária de repercussão nacional, a Revista Província de São Pedro (1945-1957), publicada pela Livraria do Globo. Após a proclamação da República, fixa-se o nome de Estado do Rio Grande do Sul.

Os açorianos, assentados em terras do sesmeiro Jerônimo de Ornellas, fundaram Viamão, vila que ficava distante do rio Guaíba (Ingahyba), seu meio de

¹ A Lagoa dos Patos e a maior laguna do Brasil. A origem mais provável do nome estaria ligada às tribos de índios que habitavam esta região no Rio Grande do Sul, conhecidos como "patos".

comunicação com a Lagoa dos Patos e desta à vila de Rio Grande, único porto ao longo do desolado e perigoso litoral do sul do Brasil, que dava acesso a Portugal. Fundaram, então, em 1752, às margens daquele rio (que para os geógrafos é um estuário ou um lago) uma vila que denominaram Porto dos Casais, mas que mais tarde passou a ser chamada de Porto Alegre e que, por sua posição estratégica no interior do continente e pelo desenvolvimento econômico, logo tornou-se centro administrativo da Capitania.

Laudelino Pinheiro de Barcellos, o fundador

Mais de um século depois desses acontecimentos, Laudelino Pinheiro de Barcellos, natural de Viamão, desceu até Porto Alegre, então capital da Província, para escolher um ramo de negócios onde empregar pequeno pecúlio que amalhara. Caminhando pelo centro da cidade, interessou-se pelas livrarias aí estabelecidas e pensou que este seria um bom negócio. Para tanto convidou para sócio Saturnino Pinheiro e, em 1883, abriam a Livraria do Globo, na Rua da Praia Nº 268. Logo depois Pinheiro desistiu da sociedade, permanecendo Barcellos como único proprietário.



Laudelino Pinheiro Barcellos



Livraria do Globo
1883

Aos poucos a Livraria foi conquistando a preferência da população e superando as concorrentes. De simples papelaria, ao final do século, já oferecia serviços de tipografia e, em 1898, Laudelino Barcellos realizou sua primeira experiência editorial, a publicação de um livro por encomenda. Espírito empreendedor, o dono da Livraria do Globo adquiriu, em 1909, um dos primeiros linotipos do País iniciando, assim, a Livraria, com a publicação de alguns livros escolares e de literatura, a trajetória de crescimento ininterrupto, em sua existência centenária.

Em virtude de algumas publicações de obras literárias encomendadas à Livraria do Globo, pelo professor João Pinto da Silva, que viria a escrever, em 1924, a primeira história da literatura do Rio Grande do Sul, convenceu Barcellos a publicar um anuário, o *Almanaque do Globo* (1917-1933), primeiro empreendimento bancado pela própria Livraria.

A direção coube a João Pinto da Silva, em parceria com Mansueto Bernardi, intendente do município de São Leopoldo e que exercia função administrativa na Livraria do Globo. Dois homens de Letras, ambos poetas, críticos literários e historiadores que asseguraram ao *Almanaque do Globo* a incontestável qualidade que apresenta sua organização da parte literária, sem perder as características de veículo de comunicação de massa.



João Pinto da Silva

Tal iniciativa foi considerada, por muitos anos, o melhor cartão de apresentação da casa, com suas habituais páginas de informações e amenidades, mas principalmente com o desfile de autores novos, em legítima política de incentivo à literatura do Estado. Ao lado de Camões, Antero de Quental, Amado Nervo e Dumas Filho, por exemplo, e dos autores brasileiros, Castro Alves, Olavo Bilac, Mário de Andrade e Jorge de Lima, figuram escritores que vêm dando destaque à literatura do Rio Grande do Sul, estes ocupando maior espaço: Lobo da Costa, os Apolinário Porto Alegre, e Zeferino Brasil, ao lado dos novos Eduardo Guimaraens, Álvaro Moreira, Mário Quintana, Raul Bopp, Vargas Neto e tantos outros que, por seu talento, destacaram-se e assumiram posição de relevo no meio literário brasileiro. Com o desenvolvimento dos estudos de historiografia literária, ficou constatado que essa publicação constitui significativa fonte da história e da literatura do Rio Grande do Sul.²

² A coleção completa do *Almanaque do Globo*, em edição digital, está disponível no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural e na Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



Livraria do Globo
1915

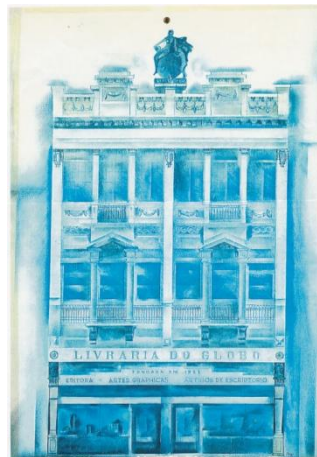


Imagem do prédio atual da
Livraria do Globo

Em continuidade à diversificação de seus serviços, as instalações da Livraria do Globo foram ampliadas, em 1915, com a aquisição de dois prédios vizinhos os quais, em 1924, foram substituídos pelo edifício que a Livraria ocupou desde então, na Rua dos Andradas, 1416 (antiga Rua da Praia), fato que revela um projeto consistente de expansão dos negócios: a oferta variada de produtos ligados a atividades comerciais e culturais sua fachada está hoje tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Já próximo da aposentadoria, em 1916, Laudelino Barcelos convidou para sócio um jovem e promissor funcionário, José Bertaso. Antes desse fato, a Livraria já tinha expandido seus negócios e constituía uma sólida e promissora empresa.

José Bertaso, o livreiro



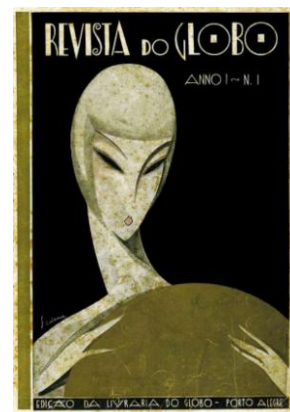
José Bertaso

José Bertaso, italiano, natural de Verona, que viera com os pais para o Brasil, em 1890, ainda menino fora admitido na Livraria do Globo como servente-aprendiz de caixeiro. Em 1902, foi alçado à posição de chefe da Loja e administrador. Ao se aposentar, Laudelino Barcellos passou-lhe a direção da Livraria. Com a morte do fundador (1917), Bertaso foi confirmado no cargo de Diretor, posição que ocuparia toda a vida. A razão social da Livraria do Globo passou a ser Barcellos, Bertaso & Cia, iniciando, um novo ciclo de desenvolvimento com a organização por seções, entre elas a seção Editora que, mais tarde, transformou-se na Editora Globo.

Em 1918, Bertaso contratou o artista alemão Karl Ernest Zeuner que daria enorme impulso às artes gráficas em Porto Alegre. Com um grupo de jovens ilustradores, fundou o Clube da Gravura, cujos membros tornaram-se importantes artistas plásticos.

Após alguns anos em que a atividade editorial foi-se consolidando, José Bertaso, em 1926, enviou Mansueto Bernardi, responsável pela seção Editora, à Europa, onde obteve a distribuição de livros publicados por grandes editoras européias, além de realizar convênios internacionais para editar e traduzir autores modernos. A viagem abriu esses espaços que foram ocupados de forma competente pela Livraria do Globo, por mais de meio século.

Entre as iniciativas que coroaram a administração de Bertaso na Livraria do Globo está a publicação de revistas: *Revista do Globo*, *Revista Província de São Pedro*, *Preto & Branco*, *A Novela*, entre outras, as quais projetaram a empresa no cenário nacional. A mais importante dessas revistas, contudo, foi a *Revista do Globo* - Quinzenário de cultural e vida social³. Sua criação respondeu aos anseios da população por um periódico dessa natureza, traduzidos no apelo feito por um grupo de políticos e intelectuais: Oswaldo Aranha, Mansueto Bernardi e Athos Damasceno Ferreira, liderados por Getúlio Vargas, então governador do Estado e amigo pessoal de Bertaso.



Revista do Globo nº1

A *Revista do Globo* circulou de 05 de janeiro de 1929 até 17 de fevereiro de 1967, perfazendo 942 fascículos e um número especial sobre a Revolução de 1930. Sob o aspecto financeiro, era sustentada por farta publicidade, com anúncios produzidos por sua agência de publicidade, a Clarim, além da venda de exemplares distribuídos em todo o Estado e nas capitais de outros estados brasileiros. Preciosa fonte da literatura e de estudo dos traços característicos do Estado, cuja identidade cultural ajudou a construir, a Revista destinava-se ao público em geral e, até mesmo, às crianças. Texto e imagem dividiam espaço, mas sempre com muita

³ A coleção completa *Revista do Globo*, em edição digital, está disponível no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural e na Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

informação sobre literatura, teatro, cinema, outras artes, acontecimentos sociais e políticos, moda, culinária, humor e esportes.

Destacado grupo de intelectuais e de artistas fizeram parte do seu corpo de redatores. Aí surgiram e se afirmaram muitas vocações que enriqueceram a cultura nacional. A fisionomia da Revista, delineada ao longo de quatro décadas, identificou-se a tal ponto com seu contexto social que, de certa forma, pode-se dizer que a história da *Revista do Globo* se confunde com a própria história do Rio Grande do Sul, nesse período. A sala da Direção da Revista era frequentada por escritores, intelectuais e políticos gaúchos que aí debatiam os acontecimentos mais significativos em todas as áreas, tendo-se tornado, também, a “sala de visitas” de Porto Alegre. Toda personalidade ilustre que chegava à Capital era recepcionada na sala da Direção da Livraria, e a Revista publicava sobre a visita matéria ilustrada com fotos.

A *Revista do Globo* teve vários diretores caracterizando três fases: de 1928 a 1938, em que foi priorizada a literatura, destacam-se Mansueto Bernardi e Erico Verissimo; de 1938 a 1947, Justino Martins que deu relevo ao fato jornalístico dirigido ao grande público, ficando a Revista conhecida em todo o País; de 1947 a 1967, Henrique e José Bertaso Filho administraram-na como órgão de divulgação da Livraria e da Editora Globo, delegando ao chefe de redação a escolha da matéria publicada.

Em outros cargos, podem-se citar Flávio Carneiro, Carlos Reverbel, Limeira Tejo, André Carrazzoni, Antônio Goulart, José Otávio Bertaso, Nelson Boeira Faedrich, João Fahrion, Vítório Gheno, Edgar Koetz e Sotero Cosme, autor da capa do fascículo número 1 que se tornou símbolo da Revista.

Dos 1085 autores brasileiros publicados, citam-se Carlos Drummond de Andrade, Luís Câmara Cascudo, Ronald de Carvalho e, entre os rio-grandenses Eduardo Guimaraens, Souza Júnior, Manoelito de Ornellas, Reynaldo Moura, Jayme Caetano Braun, Augusto Meyer, Darcy Azambuja, Roque Callage, Lila Ripoll e Erico Verissimo, este sendo o autor com maior número de textos publicados. Há centenas de textos de autores estrangeiros traduzidos.



Moyses Vellinho

Outra revista importante publicada pela Livraria do Globo, de 1945 a 1957, foi a *Revista Província de São Pedro*.⁴ Seu idealizador e diretor foi o historiador e crítico literário Moyses Vellinho.

Os 21 fascículos dessa publicação de cunho literário estimulavam e difundiam as atividades e realizações da vida cultural do Estado. Num total de 1855 ocorrências entre artigos, comentários e notas, cerca de 1.300 estão na área literária: poemas, narrativas e crítica. Os artigos de outras áreas, 570 ocorrências, são igualmente importantes para se conhecer e compreender o homem e a cultura brasileiros. Avultando-se os problemas financeiros, deixou de circular em 1957.

Embora com frequentes temas regionais – mais de 60% –, não se deixou limitar pelo “regionalismo estreito”, conforme preconizava seu diretor. Publicava artigos sobre Literatura, Folclore, Filologia Portuguesa, Arte, Filosofia, História, Sociologia, Geografia, Educação, Teatro e Política, tanto de escritores experientes como dos novos. Ao lado dos gaúchos Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Manoelito de Ornellas, Augusto Meyer, Erico Verissimo e Cyro Martins, autores de outros estados, como Franklin Távora, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Autran Dourado, Murilo Rubião, Guimarães Rosa. Foram, também, seus colaboradores Mansueto Bernardi, Carlos Reverbel, Telmo Vergara, Dante de Laytano, Otelo Rosa, Mário Quintana (Caderno H), Damasceno Ferreira, Cassiano Ricardo, Tristão de Athayde, Antônio Candido, Fidelino de Figueiredo, Afrânio Coutinho, Werneck Sodrê, Paulo Rónai, Roger Bastide, entre outros. Guilhermino César responsabilizou-se pelas notícias e comentários sobre edições brasileiras, e Otto Maria Carpeaux sobre as estrangeiras.

⁴ A coleção completa da *Revista Província de São Pedro*, em edição digital, está disponível no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural e na Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Henrique d' Avila Bertaso, o Editor

Quando Henrique Maia Bertaso, filho de José Bertaso, começou a trabalhar na Livraria, como caixeiro, aos 15 anos, em 1922, já havia um bom movimento editorial, sob a orientação de Mansueto Bernardi. Em 1931, Mansueto transferiu-se para o Rio de Janeiro, para dirigir a Casa da Moeda a convite do presidente Getúlio Vargas. Henrique assumiu, então, o Departamento Editorial, dedicando-se a organizar esse setor da empresa.



Henrique Bertaso

A partir da década de 1930, a linha editorial ligada a livros escolares teve especial acréscimo, com o desenvolvimento da educação no Rio Grande do Sul, especialmente do ensino superior, com as primeiras universidades, pela necessidade de bibliografia qualificada.

Em 1936, Érico Veríssimo, que já colaborava na parte literária dessa seção, deixou a direção da Revista para se dedicar, ao lado de Henrique Bertaso, à construção do projeto editorial da Livraria do Globo, que passou a promover, principalmente, a publicação de literatura tanto de autores gaúchos como de outros estados e do exterior, com duas novas linhas editoriais, a literatura européia moderna e a literatura norte-americana para os quais a Livraria mantinha um grupo de tradutores. Para dinamizar as vendas da Livraria, que tinha na *Revista do Globo* uma excelente vitrina para divulgação de seus produtos, uma das estratégias mais exitosas foi o lançamento de coleções de obras para diferentes públicos.

O sonho de Henrique Bertaso era, no entanto, transformar o incipiente Departamento em uma casa editora, o que finalmente aconteceu em 1942: a seção Editora tornou-se empresa associada à Livraria com o nome de Editora Globo, expandindo seus negócios por todo o território nacional. Pode-se dizer, apenas, que se completava, assim, a trípole – editora, livraria e revistas – que iria sustentar o período de maior efervescência cultural do Estado, cujo relato não cabe nas poucas páginas deste texto.

Após a morte de José Bertaso, em 1948, a Livraria do Globo transformara-se em sociedade anônima, seguindo sua trajetória de crescimento. Em 1956, a empresa dividiu-se, mas conservando as relações administrativas: Editora Globo e

Livraria do Globo S/A, esta composta pela Livraria do Globo, Oficina Gráfica e Lojas Globo. Esse conjunto de empresas empregavam mais de 2.000 funcionários, ofereciam apoio direto ou indireto a escritores, artistas, tradutores, educadores, fotógrafos, publicitários e jornalistas que gravitavam em torno da “Globo da Rua da Praia”.

Apesar das dificuldades encontradas nos anos de 1970, a Editora Globo continuou a funcionar. Em 1978, para facilitar a distribuição de seus produtos, transferiu seu centro operacional para o Rio de Janeiro. Contudo, a grande distância desse local para o centro de decisões, em Porto Alegre, aumentaram as dificuldades e, em 1980, a Editora Globo foi vendida para a Rio Gráfica, a qual foi incorporada às Organizações Globo.

A relação de pessoas, aqui citadas, que participaram, de uma ou de outra forma, da história da Livraria do Globo é extensa, mas longe de ser exaustiva. Através desta pequena história daquele sonho do descendente de açorianos que encontrou seu espaço na Rua da Praia, pode-se acompanhar sonhos e idéias dos homens que dirigiram a Livraria do Globo e de muitos outros – poetas, romancistas, críticos literários, historiadores, fotógrafos e artistas plásticos - que concorreram para o sucesso da Livraria e que se beneficiaram desse sucesso para realizarem seus próprios sonhos.

Entre esses homens, relevam-se aqueles que fazem parte do cânone da literatura sul-rio-grandense e brasileira ou da memória cultural do Rio Grande do Sul, cuja obra e documentos possui hoje, um espaço de preservação e divulgação, o DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. Essa é outra parte da história a ser contada, não uma história que acaba, mas que começa e que, se deseja, seja uma história sem fim.

Revivendo a história

Os fatos relatados até aqui, sobre a Livraria do Globo e suas revistas tornaram-se matéria de pesquisa acadêmica, cujo objetivo foi possibilitar aos pesquisadores o acesso rápido e fácil às informações contidas em milhares de páginas da coleção. Isto porque a pesquisa, pelos meios tradicionais, em periódicos, fontes importantes da história da literatura, é uma tarefa árdua uma vez que apresenta dupla dificuldade: encontrar coleções completas disponíveis para

pesquisa e localizar a matéria desejada, já que jornais e revistas geralmente não são indexados por artigo.

Os professores de Crítica Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS decidiram, em 1990, dedicar-se, particularmente, à recuperação de fontes da literatura sul-rio-grandense, publicadas em suportes frágeis e de difícil acesso, os periódicos. Sendo impraticável trabalhar inicialmente com os grandes jornais, a escolha recaiu nas revistas da Livraria do Globo, pela abrangência e variedade da matéria editada.

Após levantamento dos fascículos, nos 39 anos de publicação da Revista do Globo, feito a partir de coleção existente no Museu da Brigada Militar/RS, onde seria desenvolvido o trabalho, concluiu-se que o processo de catalogação manuscrita e a prática habitual de busca da matéria editada em fichários, não resolveriam o principal problema: o tempo necessário para a recuperação da informação. A solução passava, então, pelo emprego da nova ciência, a informática. Entrou-se em contato com o Instituto Científico e Tecnológico da PUCRS, desenvolvendo-se um projeto integrado de catalogação informatizada, do qual resultou o *Catálogo Literário da Revista do Globo*, editado em rede, em 1996.

Da mesma maneira foram produzidos, posteriormente, os catálogos informatizados de outros dois periódicos da Livraria.

A base de dados dos catálogos foi constituída a partir do *software* micro-Isis (Copyright UNESCO). Como esse programa, embora apropriado para as mais complexas operações de coleta, cruzamento e recuperação de informações, exigisse dos auxiliares de pesquisa treinamento demorado para operá-lo, foi substituído por outro, produzido pelo funcionário do IPCT e coordenador técnico dos projetos, Flávio Soibelman Glock: o *software* SALTI (**S**oftware de Acesso a **A**cervos **L**iterários **D**igitais **V**ia **I**nternet), que desempenha de maneira mais simples as mesmas funções do micro-Isis. Nessa fase do trabalho, foram utilizados disquetes para registrar, semanalmente, uma cópia da catalogação dos artigos e transportar tais dados para atualização de uma cópia de segurança em outro local.



Disquete de divulgação

Os catálogos assim produzidos compõem-se igualmente das modalidades básicas: por fascículo, por autor e por assunto, mas oferecem menu mais completo. Na indexação dessas revistas figuram os campos obrigatórios, segundo a ABNT, aos quais se agregaram outros campos – cerca de 50 -, no caso do *Catálogo Literário da Revista do Globo*, acima citado, como por exemplo, seção, subseção, autor e/ou obra citados no texto. A indexação por assunto apresenta especificações sob a forma de descritores, palavras-chave, ou expressões mais extensas que, em conjunto, dão uma visão sinóptica da matéria. A recuperação das informações pode ser feita por dados isolados ou pelo sistema de cruzamento, definindo recortes, de acordo com os objetivos da pesquisa. Tal processo é útil, principalmente, quando se precisa trabalhar com periódicos ou arquivos de autores que, além das obras, contam com outras classes de documentos, como os reunidos nos acervos literários ou culturais. Esse programa permite, também, ao pesquisador, a partir do tema escolhido, construir seu próprio modelo operatório para realizar a pesquisa e atingir rápida e completamente os objetivos de seu projeto.

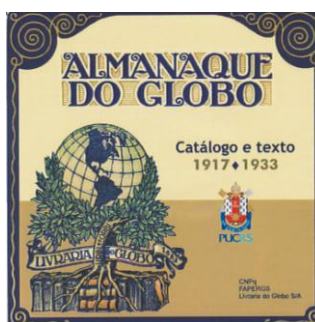
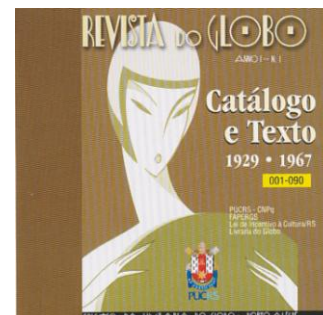
Com o advento das edições digitais em CD-ROM, em fins da década de 1990, tornava-se possível ampliar o acesso à Revista do Globo, com sua reprodução naquele suporte, gerando imagens fac-similares de alta qualidade. Foi também desenvolvido um programa destinado a ligar o catálogo ao texto, agilizando a leitura e a análise do *corpus* selecionado.



O Grupo desenvolveu, então, um projeto piloto, de menor envergadura, *REVISTA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO (1945-1967): Catálogo e Texto*, editado em CD-ROM, em 1998, e distribuído gratuitamente. Com a experiência assim adquirida, elaborou-se o projeto: *REVISTA DO GLOBO: digitalização da coleção completa*. Obteve-se do Museu de Comunicação Social “Hipólito José da Costa” o apoio fundamental para o projeto, o empréstimo de uma coleção da Revista do Globo, para proceder à digitalização das páginas.

Como essa coleção apresentasse lacunas, estas foram preenchidas pelo concurso de exemplares cedidos pelo Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho e pelo Museu da Brigada Militar, tendo-se concluído esta etapa em 1999.

Em agosto de 2000, iniciou-se a etapa final do trabalho com o projeto de edição fac-similar em CD-ROM, *REVISTA DO GLOBO (1929-1967): Catálogo e Texto*, concluído em 2002. Esta edição digital é constituída de 15 CDs, sendo 14 com as imagens das 74.000 páginas da Revista e um com os catálogos informatizados do que foi publicado sobre literatura (textos, comentários críticos e informações), sobre o esporte e sobre a arte no Oriente; também estão catalogadas as fotografias sobre o período nazista na Alemanha e toda a publicidade.



Desenvolveu-se, posteriormente, nos moldes dos anteriores o projeto de edição fac-similar em CD-ROM, *ALMANAQUE DO GLOBO (1917 – 1933): Catálogo e texto*, concluído em 2008, que constitui fonte valiosa para o conhecimento da literatura, da história e do contexto social e cultural das primeiras décadas do século XX.

Esses projetos de catalogação e edição digital dos três periódicos foram desenvolvidos com auxílio financeiro da Universidade, da Livraria do Globo SA, da FAPERGS e do CNPq. As coleções digitais deles resultantes constituíram o Acervo de Periódicos Literários da Livraria do Globo que fizeram parte do Centro de Pesquisas Literárias da Faculdade de Letras e, hoje, estão no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

DELFOS – A história revisitada

Os acervos constituem espaços privilegiados para o desenvolvimento de pesquisas e geração de conhecimentos da mais alta qualidade, notadamente na área das Humanidades.

O acelerado desenvolvimento de tecnologias voltadas à geração de imagens virtuais a partir do processo de digitalização de originais, favoreceu sobremaneira os

setores dedicados à preservação de documentos que, pela fragilidade do suporte – papel ou assemelhados –, estão sujeitos à perda irreparável. A partir dessa realidade, surgiu a distinção entre dois tipos de acervos: acervos materiais e acervos digitalizados, muitas vezes coexistindo no mesmo espaço.

A base de um acervo digitalizado é o suporte material, como o documento, o livro, o objeto, a foto, o microfilme, etc., cujas imagens serão captadas e transferidas para meio eletrônico. O que caracteriza o acervo literário digitalizado é, no entanto, sua existência virtual, sua organização em sistema sólido e seguro por processo de catalogação e de indexação compatível com sua especificidade, mas dinâmico e flexível. com a utilização da informática em projetos na área da literatura, transformando a materialidade em virtualidade, um longo percurso que inicia com o documento impresso e o disquete para chegar ao DVD e à página na Internet: a era digital dando vida ao passado cultural.

O DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS abriga 39 acervos constituídos por documentos variados, livros e objetos de escritores e intelectuais sul-rio-grandenses que desenvolveram suas atividades no século XX. Em fase de organização, a catalogação informatizada desses materiais tem como base o *software* Aleph, utilizado pela Biblioteca Central da PUCRS, que remete os dados obtidos à Internet. A digitalização dos documentos, ainda incipiente, é feita a partir de critérios definidos pela Coordenação do setor.



A história do DELFOS está ligada à história de cada uma das faculdades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) que lhe deram origem. Os acervos existentes nessas unidades foram institucionalizados, passando à responsabilidade da PUCRS, mediante contrato legal, firmado entre a Universidade e os doadores.

Em 1993, foi criado no Centro de Pesquisas Literárias do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, o Grupo de Pesquisas Acervos de Escritores Sulinos dedicado à organização, preservação de acervos de alguns intelectuais de relevo para a literatura sul-rio-grandense, como Dyonélio Machado, Erico Veríssimo, Reynaldo Moura, Josué Guimarães e Pedro Geraldo Escosteguy, além da coleção de fotos da *Revista do Globo*.

Outros acervos foram chegando ao Centro e, após quase duas décadas de atividade – projetos de pesquisa, edição de obras, seminários, exposições – e apesar da devolução de três acervos a pedido dos herdeiros do titular – Erico Verissimo, Josué Guimarães e Mário Quintana – seu número havia aumentado para 16 acervos, tornando-se insuficiente o espaço destinado a abrigá-los e, inclusive, dificultando os trabalhos de organização dos documentos e impossibilitando o atendimento a pesquisadores. Enumerando-os: Acervo Fotográfico da Revista do Globo, Celso Pedro Luft, Coleção de Cartilhas Brasileiras, Dyonélio Machado, Eduardo Guimaraens, Francisco Fernandes, Lila Ripoll, Manoelito de Ornellas, Moacyr Scliar, Moysés Vellinho, Oscar Bertoldo, Patrícia Bins, Paulo Hecker Filho, Pedro Geraldo Escosteguy, Reynaldo Moura e Zeferino Brazil.

Assim, no início de 2007, para resolver esse problema crucial, a Direção da Faculdade de Letras entrou em tratativas com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, de que resultou, em abril desse ano, a decisão da PUCRS de assumir, pelo Ato Normativo nº3/2007, a preservação, manutenção e divulgação dos acervos existentes nas faculdades de Letras, dos Meios de Comunicação Social, de Filosofia e Ciências Humanas, conjunto ao qual foram agregados os acervos especiais da PUCRS localizados na Biblioteca Central Irmão José Otão.

A contribuição da Faculdade dos Meios de Comunicação Social originou-se do Núcleo de Pesquisas em Ciências da Comunicação (NUPECC), que detinha os acervos dos jornalistas Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier, relacionados à área do turismo, doados pelas famílias, e mais jornais, revistas, depoimentos sonoros e outros.

A Biblioteca Central “Irmão José Otão” abriga, no 6º andar, três acervos especiais da PCRS, os quais passaram a fazer parte do DELFOS: Paulo Fontoura Gastal, jornalista, pioneiro da crítica cinematográfica do Estado; Henrique Padjem, decorador, precursor da Arquitetura de Interiores e colecionador de obras referentes ao cinema e Julio H. Petersen, bibliófilo, organizador da maior biblioteca privada sobre o Rio Grande do Sul.

Em 9 de agosto de 2007, foi lançado oficialmente o projeto DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. Com o desenvolvimento das atividades do projeto, outros acervos literários vieram integrar o DELFOS: Cyro Martins, Acervo Fotográfico da Revista do Globo, em 2008, João Otávio Nogueira Leiria e Ir. Elvo Clemente.

Também em 2008, acervos de outras unidades foram agregados ao núcleo inicial: da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, três arquivos de natureza histórica: o Acervo José Honório Rodrigues, um dos principais historiadores brasileiros do século XX; os Manuscritos da Coleção de Angelis, cópia em microfilme da coleção existente Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o Laboratório de História Oral que coloca à disposição de pesquisadores a parte das fontes documentais já transcritas. Da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o Acervo Theo Wiedersphan, um dos mais importantes arquitetos da história da arquitetura sul-rio-grandense da primeira metade do século XX.

A construção da nova Biblioteca Central, concluída em 2008, consolidou o espaço físico do DELFOS, que foi inaugurado em 4 de dezembro desse ano. É um ambiente com 800 m², situado no 7º andar, no qual foram criadas condições propícias para o armazenamento e preservação dos diversos materiais da pesquisa. No local concentram-se: um depósito para os acervos, uma ampla sala para consulta, várias salas de estudos, tanto coletivas como individuais, além de dependências de apoio. Todos esses recursos são dotados de microcomputadores conectados pelo sistema *wireless*. A Biblioteca mantém e controla o acesso dos consulentes, para assegurar a integridade dos acervos culturais.

O fluxo das aquisições de acervos continuou após a inauguração: na área da literatura, Antônio Carlos Resende, Luiz de Miranda, Maria Dinorah, Caio Fernando Abreu, Hugo Ramírez, Lara de Lemo, Luiz Antonio de Assis Brasil e Pilla Vares; do jornalismo, Periódicos Literários; e da História, Benno Mentz e Acervo “AIB/PRP-AD-AIB/PRP, acervo documental da história política do Rio Grande do Sul.

Atualmente, o DELFOS conta com mais de 200.000 itens, que mostram, o pensamento e a produção de escritores, historiadores, jornalistas, artistas plásticos, intelectuais, colecionadores, um bibliófilo e um arquiteto. Os materiais que compõem tais acervos – bibliotecas dos titulares dos acervos, coleções de periódicos, artigos publicados na imprensa, reportagens, entrevistas, manuscritos, papéis de trabalho, originais de obras inéditas ou publicadas, correspondências, documentos variados, medalhas, certificados e objetos pessoais; microfilmes, fotografias, obras de artes plásticas, memória cinematográfica, arquivos de som; mapas, esboços, plantas, maquetes – foram entregues à PUCRS por meio de contratos de doação ou em comodato, firmados com herdeiros, ou, ainda, com os próprios intelectuais proprietários de arquivos.

Há digitalizadas quatro obras do período anterior à inauguração do DELFOS: *Divina quimera*, de Eduardo Guimaraens, o manuscrito de *Mormaço*, Manoelito de Ornellas; e *Visões do ópio*, de Zeferino Brasil e os manuscritos de Qorpo Santo que receberam tratamento especial em sua digitalização.

A digitalização dos documentos, após a inauguração do DELFOS é limitada, porque se está dando preferência à catalogação, para agilizar o atendimento ao público. Assim, estão digitalizados documentos que têm sido utilizados em trabalhos acadêmicos de conclusão de cursos, bem como em trabalhos da disciplina de Crítica Genética do PPGL. Um projeto teve como objetivo a digitalização de 800 fotografias do Acervo Patrícia Bins. Também foram digitalizadas as fotografias que ilustram a página do DELFOS e as que foram selecionadas para exposições realizadas em 2009 e 2010. De outro projeto, sobre o jornal alternativo *Movimento*, estão digitalizados seis meses de edições, num total de 480 páginas.

Os acervos que compõem o DELFOS representam um patrimônio de grande valor cultural e histórico, constituindo o mais expressivo conjunto de bens culturais e literários do Estado do Rio Grande do Sul.

É nesse espaço – o DELFOS – em cujo nome ressoam as vozes dos que reverenciavam os deuses na Grécia antiga, que se abre um novo tempo para a consagração das obras literárias e artísticas, produzidas ao longo do século XX, e cujos autores estão incluídos no cânone da literatura do Rio Grande do Sul pelo reconhecimento de seu valor, muitos dos quais participaram das ações culturais da Livraria do Globo. Consagração da literatura do Rio Grande do Sul, no século XX, pelo cuidado e respeito de que são objeto os materiais dos acervos, por mais

simples que sejam, porque são testemunhas do milagre da criação. Consagração pela volta da atenção do público, sem o qual qualquer obra de arte desaparece e morre. Consagração porque o DELFOS/ PUCRS intenta assegurar que sua história e a dos titulares dos acervos seja uma história sem fim.

REFERÊNCIA

Almanaque do Globo, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1917 -.

BERNARDI, Mansueto. *Revista do Globo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, n.1, p.9, 5 jan. 1929.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. *Almanaque do Globo: catálogo e texto: 1917-1933* [CD-ROM]. Porto Alegre: PUCRS, [2008?]. 1 disco

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. *Revista do Globo: 1929-1967* [CD-ROM]. Porto Alegre: PUCRS, [2002]. 1 disco

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. *Província de São Pedro: catálogo e texto: 1945-1957* [CD-ROM]. Porto Alegre: PUCRS [1998]. 1 disco

Revista do Globo, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929-.

Revista Província de São Pedro, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945 -.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. 1. ed. Porto Alegre: Globo, 1924. 265 p.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Rio de Janeiro: Globo, 1964. 261 p.

VERÍSSIMO, Érico. *O continente*. 1. ed. São Paulo: Globo, 1949.

Para maiores informações, consultar as seguintes publicações:

Castro, Maria Helena Steffens de. *O literário como sedução: a publicidade na Revista do Globo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 267 p.

DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 314 p. : II

RODRIGUES, Sandra Tessler. *A literatura infantil na Revista do Globo: a que leitor se destina?* [documento impresso e eletrônico]. Porto Alegre, 2007. 164 f.

TEIXEIRA, Fabiane de Souza Fraga. *A interface literária revista do Globo / editora Globo*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, Porto Alegre, v.11, n.1, p. 17-114, 2005.

THORSTENBERG, Valdiria. *Página de título: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo*. 1998. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.